

## RODRIGO EMÍLIO

Há cerca de um ano que fui informado, subitamente, da morte do Rodrigo Emílio e ainda hoje sinto, embora atenuado o choque que tão inesperada a fatídica notícia desencadeou em mim.

Nunca deixei de experimentar uma dor pungente ao recordar a sua presença e a sua amizade. De quantas e quantas coisas me lembro que atravessaram a nossa longa estima e camaradagem mas penso que chegou a hora de abandonar a melancolia e a saudade e que a melhor homenagem que podemos prestar a Rodrigo Emílio é sermos fiéis ao exemplo que nos legou e às ideias que serviu até ao fim.

Rodrigo Emílio, creio que já o disse noutra lugar, vestiu a farda de soldado e não mais a despiu. Foi um poeta, mas um poeta que nunca deixou de ser um militante, um lutador.

Recordemos os grandes tópicos das suas concepções:

1) Antes de mais, o seu anti-abrilismo indefectível. Para ele, o 25 de Abril foi a maior das abjecções, o endeusamento da traição. Data abominável que significou a morte do Portugal que conhecemos e amamos. A Pátria, para ele, não era um rectângulo anárquico prestes a dissolver-se numa sociedade comercial de bufarinheiros denominada Europa. Era europeia sim, mas de um continente que se projectara desde séculos pela Ásia, África, América e Oceânia.

2) Rodrigo Emílio detestava profundamente o que ele chamava de «parvoíce democrática». É com razão. O grande erro do nosso tempo é a democracia adorada por quase todos, a começar pelas igrejas.

A democracia que distingue entre governados e governantes mas que, ao mesmo tempo, pretende que os governados é que sejam os governantes, que fala comovida na liberdade para todos mas nega, imediatamente a liberdade dos que se atrevem a opor-

se-lhe, a democracia que desmaia de prazer face aos direitos do homem mas que põe fora da esfera humana os que a negam, a principiar pelos fascistas, nazis e contra-revolucionários. A democracia que entrega ao número irresponsável a decisão das mais graves questões. Ela é o grande inimigo.

Por esse ninho de erros grosseiros Rodrigo Emílio tinha o maior desprezo contemplando-o com irónico sorriso.

3) Ele não esquecia aqueles que nos precederam na luta, cultivando com respeito a sua memória, não os votando ao olvido deslumbrado pelos novos deuses. A sua lealdade era modelar e tocante. Recordo o poema «Robert Brasillach – (heróica triste para ele)» onde se encontram estes versos:

Aos par`s Florence, René  
E Patrice e Catherine  
Vultos que a História revê  
Franco, o Führer, Mussolini

E, também, não deixava de fora os bravos da nossa luta ultramarina consagrando-os, intencionalmente, naquele que chamava «Viriato do Niassa», Daniel Roxo

4) A Rodrigo Emílio nunca lhe importou saber se estava só ou acompanhado. No mais das vezes, solitário continuou a percorrer imperturbável o seu rumo. Não lhe interessavam os aplausos da sociedade-bem nem das multidões desenfreadas que se exibem nas ruas.

Nisso seguiu as pisadas do grande Mestre Alfredo Pimenta, cujo insigne vulto, ainda bem há pouco tempo nesta mesma casa, ele celebrou.

Rodrigo Emílio não te dizemos adeus porque permaneces presente.

E presente continuarás se a Honra e a Fidelidade não desaparecerem da face da Terra.

António José de Brito